

Correio das Artes

Ano II Número 46

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO"

Domingo, 20/8/1950



PROSA VÁRIA

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

ENTRE muitas outras inculpações, acusa-se o poeta moderno de manipular com arbitrio intolerável as noções de tempo e de espaço. Assim, parece exagêro que Murilo Mendes escreva:

Passo três anos em êxtase diante de tua fotografia.

Mas, o que se poderia censurar-lhe é antes a falta de perseverança no êxtase. Na conversa do homem comum, completamente alheio aos jogos poéticos, e particularmente avesso à poesia moderna, é banal a frase: «Mil anos que eu viva, não esquecerei aquele momento». Ninguém se lembraria de impugnar afirmação assim ambiciosa; entretanto, a l g u n s se chocarão com os modestos três anos de adoração do poeta em face da fotografia de sua amada.

Exagêro intolerável parece a outros a pungente declaração de Vinicius de Moraes:

As lágrimas correm milhões de léguas no meu rosto que o pranto faz gigantesco.

Se atentarmos bem no verso, veremos que o aparentemente absurdo da transfor-

mação do rosto humano em um leito colossal por onde se escoo o pranto encontra explicação no próprio fato de êste ser intenso. As muitas lágrimas, derramando-se em caudal, exigem larga superfície para o seu escoamento. Não é o rosto que se espraia em milhões de léguas, mas o choro que assim o dilata. O rosto, e

com êle o homem que pranteia, torna-se por assim dizer infinito por força desse pranto que excede toda medida.

Mas, se a justificação lhes parece frágil, temos ainda a que nos fornecem os dicionários. Aulette registra a expressão corriqueira: «estar a cem léguas de alguma coisa», que é,

simplesmente, «estar desprevenido dela, não ter pensado previamente, nela». Não há aí, apenas reduzido á escala métrica, o mesmo elemento de poesia que Vinicius aproveitou com expressão dramática? J'etais á cent lieus de le croire coupable. Il était á mille lieus d'un péché mortel», escreve Madame de Sévigné. Ouvindo frases como esta, não nos lembramos de increpar quem as pronuncia, por nos sugerir a imagem de uma pessoa colocada a tamanha distância mental (ou material?...) de um sentimento ou de uma sensação. Aceitamos imediatamente, e mesmo com o prazer para o espirito, essa distância figurada. Contudo, mostramos nos recalcitrantes quando um poeta busca extrair desses velhos recursos da linguagem um efeito novo, que os revaloriza.

A mim, o que mal se- duz no verso de Vinicius é precisamente o prodígio de converter o mínimo em máximo, sem que com isto se anule a caracterização do objeto ampliado. Esse rosto que se agiganta a proporção inconcebíveis permanece contudo rosto, porque lágrimas correm por êle. O poeta ofereceu-nos, violentamente, a imagem de um

POEMA

PROTÁSIO MELO

COM as faces crestadas pelo sol e o vento do
[oriental]

Passam em grupos, rápidos, silenciosos,

Os últimos marujos do cargueiro.

Deixaram seus lares flutuantes,

E caminham com os cérebros cheios de reminis-
[cências].

Saudades de um porto distante,

Uma choupana entre palmeiras,

Longe, bem longe, divisando o mar azul, verde,
[eterno].

Com as faces crestadas pelo sol e o vento do
[oriental]

Passam em grupos, rápidos, silenciosos,

Os últimos marujos do cargueiro.

crecimento espantoso, que entretanto já se nos afigura possível, e de que guardaremos sempre a visão poética.

Dir-se-ia que uma boa fonte da poesia dos poetas é a simples linguagem corrente, adaptada por processos artísticos, recondicionada, por assim dizer, mas de qualquer modo já poética por si mesma. Altere-se o número de léguas ou de anos contidos numa dessas expressões consagradas, e o que há de mágico na fala de todo dia ressuma como a propriedade de um corpo revelada no laboratório.

Definições de poesia. Em «Letras e Artes», número de 14 de Julho de 1946, Manuel Bandeira reuniu o que de melhor se poderia encontrar como tentativas de definir o indefinível, seja no sentido filosófico seja simplesmente como espécie literária. Contudo, o saco de conceitos não se esvasia tão depressa, eu mesmo tive a oportunidade, pelo «Correio da Manhã», de juntar modesta contribuição ao trabalho de Bandeira-professor. Outras leituras daí por diante, foram revelando outras definições, por vezes sugestivas, senão convincentes. Aqui vão mais algumas, para a curiosidade de quem se debruça sobre os assuntos da poesia:

A poesia é, em si, um universo com todas as dimensões, um mundo de continentes acabados e de completos oceanos. Deste mundo o poeta é testemunha. Este mundo entra em contacto com o poeta, e o poeta lhe certifica a exis-

tência exprimindo sua reação ao chocar-se com esse mundo misterioso. Em última análise, a Poesia é o concerto de todas as dimensões da matéria. — Alejandro Carrión.

Se a poesia não for justa, miserável coisa é então a poesia. — Jean Cassou.

— Poesia é a realidade da visão. — Jean Lebrau.

— Poesia é a palavra ordenada de tal modo que seja ouvida pelo seu próprio interesse e por amor a ela mesma. Carece que haja nela uma significação, somente como elemento necessário que forneça a forma sua base e seu agenciamento; a forma é contemplada em si mesma. — G. M. Hopkins.

— É aspiração à consciência integral. — Antônio Machado.

— A verdadeira poesia é oração e metafísica, emoção do divino, em que o pensamento reza e se torna sencível ao mistério do mundo. — André Suarez.

— Mais do que arte da linguagem, a poesia é arte dos silêncios, que restituem à linguagem sua dignidade. — Thierry Maulnier.

— Pode-se definir a poesia como uma razão superior, à qual não basta a razão comum. — Thierry Maulnier.

— Poesia, diarréia incompreensível. — Max Jacob.

— É um dever de intoxicação. — Blaise Cendrars.

— A Poesia não é mais do que um sistema lunares de sinais. — Leon Felipe.

— O único fim e objeto

da poesia é a realização do belo, escasso e confuso da natureza, no ato permanente, rico e depurado. — Juan Valera.

— É a essência de cada um. — Ch. T. Féret.

— Talvez que a poesia não seja senão a nossa maneira do colocar e de fazer vibrar o silêncio que lhe sucede, ou mesmo que lhe é contemporâneo. — Jean Wahl.

— É música que pensa. — Fernand Gregh.

Aprendi com meu filho de [dez anos
Que a poesia é a descoberta
[da
Das coisas que eu nunca vi.

Oswald de Andrade

— A verdadeira poesia tem sempre uma qualidade musical — opera por sugestão indefinida. — Tristão da Cunha.

— A poesia (sob pena de não saber propor certa recreação do mundo) deve apoiar-se sobre a totalidade de nossas percepções, do mesmo modo que sobre o conjunto de nossas compreensões, traduzir o que é intraduzível, poetizar o lugar comum. — Marcello Fabri.

— A Poesia, é, em essência, descobrimento e expressão do ritmo vital... O poeta... não quer outra coisa senão expressar com a palavra, de raízes estáticas, a essência dinâmica o ritmo vital que a lenta e impele tudo que existe. — José Antonio Portuondo.

— A poesia é a recordação dos melhores e mais felizes momentos das melhores e mais felizes almas. — Shelley.

— Poesia é a fundamentação do ser pela palavra. — Heidegger.

Anuncia-se a apresentação, dentro de alguns dias, de «O balão que caiu no mar», peça de Odylo Costa Filho. O autor não a escreveu para nós, adultos. Realmente, merecemos muito pouco; merecemos cada vez menos. A esperança do escritor está nas crianças, a que ele se dirige, e que poderão decifrar em sua peça aqueles segredos para nós já destruídos e irreparáveis.

Que esperança Odylo deposita nos meninos? A de

o considerarem um bom autor teatral? Não. Ele espera algo de mais ambicioso e grave. Tem fé na natureza humana em estado infantil. Por isso compôs para os meninos esta fábula em que há peixes bons e maus, balões acesos, uma prodigiosa viagem, lutas, um grande poeta que existe de verdade, uma delicada e difusa poesia. Há o mar e o céu, os sentimentos que vêm do nascimento do mundo, e entre eles a bondade e o amor, a medrarem com obstinação, até entre os peixes, até entre balões de junho.

As crianças que forem sensíveis a esse mundo submarino e celeste criado por Odylo para atmosfera de sua deliciosa fábula, essas também eu acreditarei e confiarei nelas.

ABDIAS NÃO É CYRO DOS ANJOS

REVISTA BRANCA, entrevistando Cyro dos Anjos, fez a pergunta indiscreta:

— Revela o «Abdias» uma experiência pessoal? Você, Cyro dos Anjos, já foi professor num colégio de freiras?

Mas a resposta foi:

— Não. Não representa experiência pessoal direta. Não fui professor de colégio de freiras. Lecionei durante dois anos num colégio misto, para moças e rapazes. Mas em toda obra há transposições, sem conta, de situações e de caracteres. O escritor se serve tanto de sua experiência pessoal, como da experiência das pessoas com que convive.

Não procure saber qual a percentagem em que a experiência pessoal do romancista contribui para a obra. Mesmo que ele estivesse disposto a confessar-se não poderia dizê-lo. Os fatos de sua vida, tudo aquilo que impressiona a sua sensibilidade é amassado, misturado, amolgado, mil vezes, com outros acontecimentos sucedidos a outras vidas, a outras sensibilidades, e dos quais teve o romancista conhecimento. E na verdade, vivendo ou revivendo todas essas impressões e emoções, o romancista se acha inteirinho em cada personagem. Nesse sentido, pôde Flaubert dizer: «Madame Bovary sou eu!»

A União

Fundada em 1892 — Patrimônio do Estado

Diretor — HILTON MARINHO

Correio das Artes

Orientação de EDUARDO MARTINS

Redação e Oficinas:

Edifício da Imprensa Oficial — Rua Duque de Caxias
João Pessoa — Paraíba do Norte — Brasil

A PROPOSITO DE RIMBAUD

ROLLAND DE RENEVILLE

A GERAÇÃO simbolista só parcialmente descobriu a importância da obra de Arthur Rimbaud. Convencemo-nos disso re- lendo as apreciações críticas da época, sendo que os poemas de Rimbaud eram, antes de tudo, considerados como curiosidades pelos escritores contemporâneos do poeta. O próprio Stéphane Mallarmé, muito embora a sua penetração genial, só consagrou ao autor da «Saison en Enfer» páginas muito breves, e que nos parecem insuficientes na sua celebre compilação, «Divergences». Sem dúvida, o motivo dessa desatenção geral reside no fato de que Rimbaud quase nada publicara antes de desaparecer, e que além disso o seu caso pessoal, que nos parece hoje inseparável da sua obra, era em grande parte desconhecido daqueles que se aperceberam do poeta por ocasião das suas breves incursões nos meios literários do Segundo Império. É certo, por outro lado, que a obra de Rimbaud, que devia provocar os mais importantes movimentos poéticos do século XX, e marcar profundamente com o seu cunho homens tão diferentes como Paul Claudel e André Breton, André Gide e François Mauriac, estava muito adiante das descobertas e da sensibilidade da sua época para que os lugares-tenentes desta última pudessem se aproveitar, por antecipação dos seus germes fecundantes. Parece que o próprio Paul Verlaine, que foi o primeiro a publicar as poesias do seu companheiro de infortunio e a decantar-lhe as belezas, não descobriu todos os recônditos profundos que já nos fascinam. Foi só depois da primeira guerra mundial que a angústia de Rimbaud, sua revolta contra as nossas convenções, seu ardor em desvendar e fazer aparecer através das formas literárias um outro lado da literatura e reforçar o sentido das palavras, apareceram em acordo com o estado de espírito e as ambições para as letras,

como já o fazia com a vida.

Depois de um quarto de século inumeráveis estudos muitas vezes contraditórios uns em relação aos outros, apareceram sobre o poeta que nos foi apresentado alternativamente com os aspectos de um vidente, de um cristão e de um revolucionário. Poderíamos acreditar que, com o tempo, o envelhecimento e a dispersão do grupo surrealista que tão imperiosamente se apropriou de Rimbaud, e foi o principal artifice da sua glória póstuma a emoção

se indignar com a impostura praticada para com a memória do poeta. Jean Paulham e o signatário destas linhas uniram suas vozes à de Breton. Logo depois uma atriz, Melle Akakia, e um ator, o sr. Mataille, confessaram que eram os autores daquele plágio impudente. Entretanto críticos do porte de Maurice Nadeu, Maurice Saillet, e bem entendido o próprio Pascal Pia, persistiram em sustentar que o texto recentemente publicado era de Arthur Rimbaud, deixando

do sr. de Bouillane de La Coste, edições do «Mercure de France», professor da Faculdade de Bordeaux. Segundo este senhor, a análise da letra dos manuscritos rimbaudianos demonstra que contrariamente à opinião corrente, as «Illuminations» foram compostas pelo poeta depois da «Saison en Enfer». Esta opinião, baseada em constatações aparentemente científicas, foi de natureza a pôr em causa a nossa concepção da obra e da vida de Rimbaud, se nenhum argumento pudessem se lhe opôr. Com efeito, não teríamos podido continuar a conceber a «Saison en Enfer» como um adeus à literatura e o próprio sentido da experiência rimbaudiana teria sido profundamente modificado. Não parece todavia que as coisas possam ficar nisto. Fora da reserva com que se deve receber as conclusões de um exame de letra cujas incertezas e os possíveis enganos os especialistas conhecem muito bem, não deve ser esquecido que apenas possuímos os manuscritos definitivos de «Illuminations» e não os seus rascunhos. Esses manuscritos definitivos foram recopiados por Rimbaud e mesmo em parte pelo seu amigo Germain Nouveau, dos rascunhos perdidos ou destruídos. Pode ser que esta transcrição, de caráter definitivo, se situe depois de 1873, data da «Saison en Enfer». Mas a data da transcrição das «Illuminations» não poderia ser confundida com a data da sua composição. O simples bom senso indica que não é de todo impossível que Rimbaud tenha recopiado os poemas das «Illuminations» alguns meses ou anos depois de tê-los composto. De sorte que a tese em causa-nos parece contar a este respeito uma lacuna que lhe compromete por antecipação as discutíveis conclusões. O sentido interno da obra de Rimbaud, e notadamente o das páginas intituladas «L'Alchimie du Verbe» nas quais o poeta passa em re-

(Cont. na pág. 10)



ARTHUR RIMBAUD

provocada por qualquer outra hipótese emitida a propósito da obra rimbaudiana, só podia se atenuar. Dois acontecimentos recentes nos provaram que nada mais existe dela.

Em maio de 1949 as edições do «Mercure de France» publicaram sob o título «La Chasse Spirituelle» uma obra que o sr. Pascal Pia apresentava, num prefácio, como a que Rimbaud escreveu com esta denominação em 1872, e cujo manuscrito foi perdido por Verlaine. Logo se apoderou dos meios literários uma viva efervescência. André Breton foi o primeiro a denunciar nesta obra uma falsificação grosseira e a

entender que o fraco nível mental e a cultura incerta dos dois comediantes, incapacitava-os para escrever uma falsificação daquela natureza. Sob o título «Flagrant délit» publicado pela Edições Thésée, André Breton acaba de nos dar um pequeno livro no qual ataca com vivacidade os srs. Nadeau, Saillet e Pia e avança argumentos que parecem pôr finalmente fora do combate os partidários da autenticidade de «La Chasse Spirituelle». Nenhuma reação da parte destes apareceu por enquanto.

O segundo acontecimento que agitou recentemente os admiradores de Rimbaud foi o aparecimento da tese

GIDE, CHEFE DE UMA GERAÇÃO

É DO saudoso crítico francês Albert Thibaudet a seguinte página:

«A súbita mutação de valores que ocorreu em 1914 fez passar André Gide, do claro-escuro das capelas literárias, à plena luz da atenção pública.

Amador rico e inteligente, que, tal como Barrès quando jovem, dava a falsa impressão de estar preocupado principalmente consigo mesmo, e para quem só tinham importância os seus estados de insensibilidade e as suas revoluções interiores, Gide possuía um público de, no máximo, quinhentos leitores — metade do de Léon Bloy e o dobro do de Suarès.

Apenas, sua situação diferenciava em três coisas. Primeiro, porque Gide sabia que sua hora havia de chegar. Segundo, porque seu livro «La Porte Étroite» havia saído daquele claro-escuro e alargado o círculo dos gidianos: Gide passara, mesmo, a ser considerado sobretudo como «o autor de «La Porte Étroite», como Fromentin era o de «Dominique». Coisa que, dado o caráter inteiramente excepcional de tal livro na obra de Gide, dava margem a muitos malentendidos... Finalmente, porque Gide havia fundado cinco anos antes da guerra, «La Nouvelle Revue Française», que agrupara em torno dele amizades militantes, e lhe dera — ainda que isto repugnasse à sua natureza escrupulosa, tímida, e esgueirica — uma situação de chefe, obrigando-o a hábitos e atitudes de chefe, de um anti-Barrès, tão preocupado com Barrès como este o fora com «Anatole».

Aos vinte e cinco anos, Barrès tinha sido o príncipe da juventude.

O paradoxo de Gide foi ocupar tal posição depois dos cinquenta anos, por dez anos. Seu êxito mais inquietador foi por certo, o de haver criado, em 1913, um personagem que, como Julien Sorel, só iria viver algum tempo depois do nascido. Nesse personagem — Lafcádio — grande parte

Como Thibaudet descreve a ascensão literária do autor de «Les Faux Monnayeurs»

da juventude de após-guerra se reconheceu.

Definiram Gide como homem que corria atrás de sua mocidade. «Oh! — acrescentou ele — não apenas atrás da minha!»

A outra retribuiu-lhe bem, e ele não fugiu para «les saules défenillés» senão devagar.

Barrès a eles se recolheu com menos docilidade e maior encenação.

Mas, de qualquer modo, um e outro assumiram, ou tiveram de sustentar, sem embargo de seu gosto pela vida interior, essa condição de personagem público, com o pensamento num cortiço de vidro, para ser observado por todo o mundo, e diante de cuja sensibilidade, tão importante, a lâmpada deve sempre ficar acesa... Tiveram ambos de levar esse gênero de vida literária, que foi fundado por Rousseau e por Chateaubriand, e que Renan personificou nos dez últimos anos de sua vida — gênero que, com alguma vulgaridade, poderíamos denominar de «ensaista reconhecido como de utilidade pública». Foi natural que um anti-Barrès tivesse sucedido nisto a Barrès, como é, desejável que um anti-Gide suceda a Gide.

Gide escreveu um ensaio sobre Montaigne. Na família dos ensaístas, será ele, talvez, o mais direto herdeiro de Montaigne — um Montaigne que, como sua mãe e seu irmão, se tivesse tornado protestante. Como tendia a fazer em Montaigne, o ensaio com êxito notável terminava, na obra póstuma, em ficções românticas e dramáticas.

«Saul» é uma obra-prima do teatro escrito; «Les Faux Monnayeurs» resistirá, talvez, à prova do tempo, como «Les Déracinés»,

do qual aquela obra passou como sendo o contraposto. «Si le Grain ne Meurt» manter-se-á sempre na primeira fila, em matéria de literatura de memórias. Depois de sucessivas decantações, nenhum estilo nos parece hoje mais clássica, fiel e sabiamente conformista que o seu...»

GIDE AOS 80 ANOS

ANDRÉ GIDE leva uma vida reclusa. Quase não conversa, só recebe os amigos íntimos, dorme muito pouco e só come o mínimo necessário à sua subsistência. Entretanto, lê muito. É ele próprio quem diz: «Nunca li tanto nem tão bem; com uma espécie de avidez que tive na juventude, e que, quando penso em minha idade atual, chega a me parecer ridícula».

De seus contemporâneos, Gide fala pouco. Sabe-se, contudo, de sua profunda admiração por Roger Martin du Gard, amigo de toda a sua vida. Du Gard e Jean Schlumberger são as únicas pessoas que privam da intimidade do mestre. Gide prefere Camus a Sartre e considera André Malraux um dos maiores escritores da atualidade, embora prejudicado pelas suas muitas preocupações políticas. Acha Faulkner o melhor romancista da América, classificando Hemingway como um escritor não-americano, mais dentro da tradição europeia. André Gide continua sendo nômade até para crescer. Começa numa sala, sobre uma certa mesa, depois muda de lugar até acabar seu trabalho curvado sobre uma janela. Disse, há poucas semanas: «Há pouquíssimas coisas

que realmente signifiquem algo para mim, mas não sei como livrar-me delas». Armrouche, que é também amigo de Gide, fez, com ele, uma série de entrevistas gravadas, nas quais o entrevistador falava muito e o entrevistado dizia apenas «oh», «ah» e «Foi bom você dizer isto». André Gide evita estranhos, porque não gosta de conversar e fica embaraçado pela fluência de seus amigos de palestra brilhante, como Malraux. Cada vez que se encontrava com Paul Valéry, Gide precisava de 15 dias para reconstituir sua tranquilidade, abalada pela verbosidade do grande poeta. Assim é Gide aos 80 anos: Pouco fala, pouco sai — lê muito, escreve muito. (Antonio Olinto, in «O GLOBO nas letras»).



SARTRE E DOS PASSOS

SARTRE declarou, recentemente, que considera o autor norte-americano John dos Passos «o maior romancista do nosso tempo». O trabalho de Passos que mais impressionou Sartre foi evidentemente a trilogia «U.S.A.», cujas três partes apareceram nas traduções em língua portuguesa sob os títulos 1919, Paralelo 42 e Dinheiro graúdo. Não há dúvida que nessa trilogia, dos Passos mostrou ser um romancista de grande porte. Poucas obras de literatura mostraram imaginação tão vívida e percepção tão clara, tanto realismo e tanto drama, na descrição das diversas correntes da civilização moderna. John dos Passos tem forte influência sobre a nova geração de escritores, não só dos Estados Unidos mas também do estrangeiro, como se pode ver pela profunda admiração e respeito que lhe dedica Jean-Paul Sartre.



A Consciência Lírica de Deolindo Tavares

WILTON VELOSO

É CERTO que existe no julgamento dos homens um inelutável paradoxo: o de trazer sempre dentro de si o germe de outro que no futuro será diferente, ou quase sempre oposto. Paradoxo que somente poderemos explicar e justificar pelo insaciável desejo de perfeição humana, que exige uma constante revisão de valores com um sentido de permanente vigilância do homem ao seu próprio destino, trazendo-o sempre em dolorosa e perturbadora inquietação. Ou ainda pela ausência, nas suas soluções e juízos, daquelas razões seguras e inabaláveis que somente o tempo comunica, que o colocam numa verdadeira posição de imparcialidade tão necessária ao julgamento definitivo.

Poderíamos ver nisso também uma natural incapacidade do homem para disciplinar as suas ideias e sentimentos no presente, provocando, nessa altura, essa atitude de extrema instabilidade, esse insustentável equilíbrio nos seus juízos e afirmações, em face do seu e do destino dos próprios semelhantes. O que já fez, certa vez, um escritor nosso dizer que «quasi nunca coincidem, principalmente em literatura, o julgamento contemporâneo e o julgamento do futuro». A verdade é que nesse desencanto reside, muitas vezes, o sentido heroico na vida de todo homem de gênio. Sentido de luta, quase sempre. Luta contra a incompreensão e contra a indiferença dos homens e das gerações, superadas nos seus princípios e nas suas ideias. Pois são eles forçados a lutar por todos esses atributos essenciais da dignidade humana, e pela sobrevivência de seus ideais mais puros, de inteligência e de sua consciência moral, que a vida lhes tenta tragicamente retirar.

A própria vida, paradoxalmente, é que parece promover esse desencanto, essa injustiça como que involuntária de seu julgamento. Injustiças que se tornam, por assim dizer, cada

vez mais inseparáveis da nossa precária condição humana, num mundo tão cheio de clamores e de apêlos diferentes. E que são tanto mais dolorosas quanto mais exprimem elas uma espécie de revolta inconsciente do homem contra as limitações de sua existência afastada, quase sempre, dos seus caminhos interiores e das suas verdadeiras fontes espirituais. Tudo será, porém, restituído, pelo próprio tempo, à sua verdadeira posição de pureza e autenticidade. E nada será esquecido, então. Os verdadeiros caminhos serão reto-

mados. A sua perdida dignidade, retornará, então, mais pura e maior do que nunca, realizando plenamente o seu objetivo de heroísmo espiritual. Quando, por fim, serão realmente lembrados como outros momentos da consciência humana.

Tudo isto me ocorre agora da leitura desses incomparáveis poemas de Deolindo Tavares, numa edição da Casa do Estudante, e prefaciada por Gilberto Freyre (Poemas — Deolindo Tavares — Editora da Casa do Estudante — 1949.) Lendo estes poemas

— selecionados entre os melhores deixados por Deolindo — ficamos logo a pensar no injustificável silêncio, na criminosa indiferença que se estava fazendo em torno desse poeta, que não foi somente o maior do seu tempo, mas também representou para sua geração um legítimo papel de profeta e de precursor. Ninguém realmente como Deolindo Tavares, entre todos os valores de sua geração, foi tão incompreendido, nem tão injustamente desdenhado e insultado. Era como se ele fosse um habitante de outro qualquer planeta, de aparência exótica, e que trouxesse uma mensagem diferente e absurda aos homens da nossa pobre Terra. Diferente ela foi, mas também foi, sobretudo, genial. E ele que era, no dizer de Edson Regis, um «brando fruto entre os anjos», tornara-se de repente o arauto de uma mensagem que os homens não compreendiam direito porque era ela, em verdade, uma antecipação genial dos tempos. Pois, da sua geração, que não possuía ainda plenitude de formas nem roteiro estético definido, ele era já a vocação mais autêntica na poesia jamais aparecida em qualquer outro tempo. Por isso podemos situá-lo com perfeita justiça, ao lado de um Demócrito de Souza Filho, como um verdadeiro símbolo de uma época e de uma geração. Chegou a publicar vários poemas no «Dom Casmurro», jornal que Brício de Abreu dirigia juntamente com Leôncio e Dado Bastos. Ainda em pleno ano de 1911 — um ano antes de sua morte — encontrá-lo no estúdio da Faculdade de Direito do Recife, emquanto esse trabalhava com aquelas mesmas mãos que haveriam de «escrever poemas até à morte».

Os que o conheceram de perto sabem muito bem que o seu destino era realmente o de quem trazia uma função quase sobrenatural de despertar consciências, de fazer ressurgir a fé e o amor entre os homens, já tão divididos e separados.



HORAS DE TÉDIO

CLÉLIA LOPES DE MENDONÇA

**AH! Nestas horas de tédio, de desolação,
Nestas horas de tédio e desventuras,
Como eu tenho vontade
De sair pelo mundo em vôo de ave
Que procura um poiso !
Nestas horas de tédio e de revolta
Como eu gostaria que o meu espírito
— Senhor dos espaços insondáveis! —
Encontrasse a fonte da felicidade
Para beber-lhe a água cristalina!
Nestas horas de tédio e de cansaço
Quizera poder penetrar em outros mundos
E nêles encontrar a Paz.
Nestas horas em que o relógio da vida regista
Os desgostos que me envolvem a alma
Eu sinto um desejo enorme de chorar
E de apunhalar freneticamente
O fantasma das minhas esperanças desfeitas...**

**Nestas horas de tédio, de agonia, de saudade,
Nestas horas de revolta, de desolação,
de angústia, de tortura e de sofrimento,
é que eu procuro ansiosa
A Fonte da Felicidade!**

Ele parece ter compreendido o sentido que a sua vida não interessava, ou nada valia, senão quando coincidia com o seu destino de poeta.

«Homens mais frágeis que as hastes de minhas rosas, vinde vêr as minhas rosas e estareis salvos!»

Tinha nascido realmente para «semear Poesia», e outro não poderia ser o seu destino. Destino inglório, é certo, mas o seu único e

Nasci para semear Poesia sobre a raça dos homens nascidos tristes Nada desejo deste mundo aflito e louco senão repartir a noite e o dia com aqueles que ainda vivem na sombra dos primitivos mundos».

Era na verdade um des- terrenado. Alguem assim que não se sentisse muito à vontade entre os homens, entre as suas misérias e as suas fraquezas. E que, embora sendo também um fraco, um «efeminado», como sussurravam os seus colegas de Faculdade, havia nele, entretanto, qualquer coisa que o tornava superiormente belo e singular entre todos. O que me faz lembrar um conceito de François Porché em notável estudo sobre Verlaine, e onde justificava com estas palavras a dissolução física e moral do genial autor de «La Bonne Chanson»: «o gênio não é uma desculpa para a imoralidade. A imoralidade, porém, não mancha o gênio».

Na sua esguia silhueta, na luz inquieta do seu olhar, sempre vago e distante, em tudo que fazia dele uma realidade tangível e corpórea,

De mim todos riem, sou o palhaço universal, mas, se pudesses por acaso olhar minha face na hora em que escrevo este poema, Oh! decerto cegarias ante tanta beleza e tanta luz!»

Quando o conheci em 1941, pouco antes da sua morte, deu-me êle a impressão muito estranha de uma sombra de pássaro vencido, tão leve o seu físico, tão sutil o seu espírito. Tudo nele revelava, então angústia, revolta e insatisfação infinitas. Angústia e revolta surdas, que não iam além dos seus gestos tão cheios de tristeza e piedade humanas. Parecia possuir todas as angústias do mundo, sem combater contudo contra elas, suportando as

E embora sentisse, em redor, somente desdém e incompreensão, nem por isso deixava êle de ter para tudo e por todos, uma serena e compreensiva piedade:

verdadeiro destino. E dentro dele sentia-se compensado dos seus sofrimentos, das injustiças e incompreensões:

sentíamos o sôpro creador de uma vida constantemente bafejada pelos ventos do espírito. E porisso era incompreendido e vaiado. Porisso insultado, muitas vezes. «Insultaram e vaiaram o maior poeta de sua geração como se êle fôsse o Judas da Escola», diz Gilberto Freyre no prefácio dos «Poemas». Ele, porém, não ignorava esse seu destino. Mas aceitava-o corajosamente sem jamais esconder a face impura de sua vida, sem jamais temer as incompreensões que porventura pudessem causar as suas faltas e os seus pecados. Porque — êle bem o sabia — acina das suas fraquezas de homem marcado por uma terrível fatalidade fisiológica estava a pureza transcendente de sua poesia, estava a consciencia bem lúcida e genial dessa diferenciação:

continuas derrotas e aceitando sem luta o seu inexorável destino. Tudo isso, como êle próprio dizia «sem odiar, sem condenar, sem insultar». Mas com uma espécie de «pudor do barulho», com um desejo de silêncio e solidão que o tornava extremamente fechado e enigmático.

A sua capacidade quasi fabulosa de transfiguração poetica fazia dele um autêntico artista com uma visão, por assim dizer, quasi profética das cousas terre-

nas, com um poder divinatório de sentir e interpretar o mistério da Creação. Cumpria assim um verdadeiro destino de poeta principalmente no sentido em que o define Henri Bremond: o de um intermediário entre Deus e os homens. Pois tudo possuía para De-

Talvez não ames nunca como eu amo as coisas mais simples deste mundo, este jarro azul, ou o pobre lírio que jaz esmagado e murchado entre as páginas de um capítulo encerrado. Sei que somente meus olhos podem ser felizes olhando os pequenos objetos, as pequenas lembranças».

A sua originalidade não foi somente uma certa exigência interior que o tornava cada vez mais exuberante, mais cheio de insinuações imprevistas, de rumos constantemente renovados, mas também, — e muito principalmente — uma capacidade magnífica de penetração vertical na realidade mesma das cousas, de saber descobrir, por uma secreta intuição, as mais inesperadas analogias, entre os objetos aparentemente mais distantes e opostos. Ou ainda: mesmo sendo a sua poesia toda ela uma confissão de si mesmo, de sua personalidade tão cheia de contradições e de conflitos interiores, de uma quasi mórbida vontade de fuga, — que a mesma vivida por Willy Mompou, personagem autobiográfico de Deolindo — ela exerce, apesar disso, sobre todos os espíritos,

Desejaria ser um lírio e não passo de um mísero lotus cujas raízes repousam no lôdo de todas as profundidades».

Surgindo numa fase de plena guerra — de 1939 a 1942 — os seus poemas se fizeram apenas forças obscuras de um sofrimento doloroso e profundamente subjetivo. Foram absorvidos pela inquietação humana de uma época em que a realidade amarga do mundo não deixava o poeta ouvir apenas uma voz, a voz tumultuosa de seu mundo interior. Sua mensagem era, assim, constantemente confundida e abafada por outras vozes ainda mais obscuras e irreconhecíveis, que sob a influência das novas reações sociais e do apêlo desesperado das gerações sacrificadas, concorriam para uma inevitável dispersão de rumos e de valores. E essa característica lenta-

lindo um sentido oculto de beleza, uma missão transcendente de verdade. Êle amava todas as cousas como se fôsem elas um reflexo de Deus, e tinha para tudo um puro sentimento de ternura e de bondade. O que torna ainda mais bela e verdadeira a sua poesia:

uma fascinação funda e imperecível. O seu «dom de correspondência» é tão forte, tão intenso, que nós todos nos descobrimos e encontramos em cada verso. E' que, embora exprimindo os seus poemas revoltas e amarguras secretas de sua existencia desviada, têm êles, contudo, um poder profundamente humano e universal, de comunicação e intimidade fecundas. Nêles encontramos a marca irrecusável de um sensualismo, pleno de refinamentos mórbidos, que vive paralelamente com uma sensação quasi imaterial de pureza e de espiritualidade. Uma conjunção absurda do sublime com o objeto, que se misturam de maneira estranha e indissolúvel. Dualismo de permanente presença em seu espírito e na sua poesia:

mente assimilada pela sua poesia teve uma irrecusável influência nas gerações mais novas, principalmente em dois dos seus mais autênticos representantes que são Mauro Mota e Edson Regis. Vemos que os mais simples sinais que se agitaram levemente na essência poética do incomparável cantor de «Ofélia», vieram rompendo o profundo silêncio que o separava de todos nós, para se fixarem magnificamente no criador das «Elegias» e no autor de «O Deserto e os Números». Estes poetas que, embora fiéis a si mesmos, possuindo, cada um, forte personalidade poética, e exprimindo mensagens de uma visão lírica inconfun-

(Cont. na pág. 12)

HISTORIA QUASE TRISTE

Conto de CELSO OTÁVIO NOVAIS

DE mãos no bolso passeava ao longo do meio fio, na calçada daquela esquecida e silenciosa rua de suburbio. A serenidade dos seus olhos e a leveza dos seus gestos traíam talvez um desespero íntimo, quasi um conflito interior, que somente a um experimentado auto-domínio era possível tolerar e disfarçar.

Tinha um aspecto estranho e diferente, mas mesmo assim era inexplicavelmente vulgar. Seu rosto podia ser belo e ao mesmo tempo feio se eu o olhasse com indiferença ou inveja. Ombros estreitos e finos, acentuadamente inclinados para a frente, revelavam cansaço e fraqueza, numa precocidade vadia, insubmissa, que nem mesmo a uma piedade proposital inspirava compaixão. Andava devagar, marcando as passadas, como se estivesse a contá-las. Quando tirava as mãos do bolso deixava cair uns braços longos e retos, que devia ser como os ombros magros e finos também. Do rosto o seu todo era comum. Nada havia nele de dele que lembrasse a sua presença, nem mesmo a sua ausência, pequena e casual como ele.

Começou a lêr nos cartazes amarrados aos postes elétricos e nas inscrições de propaganda política, pintadas no muro fronteiro. Homens e mulheres entravam e saíam da sorveteria da esquina, que se destacava em sua luminosidade, palidamente alva de luz fluorescente. Apenas esse movimento concentrado de gente na esquina, quebrava periodicamente a monotonia da rua. Pela vigésima vez ou talvez pela centésima ele estava ali. E ficava até a rua adormecer.

Nunca me cansei completamente de olhar aquela expressão indefinida, vaga, que ele sempre trazia no olhar. Jamais me aproximei dele, mas fazia gosto reparar naquele mistério humano, adivinhar o segredo e o enigma daquele abandono. Uma vez pedi-lhe fósforo mas ele apenas respondeu que não fumava. Voz clara e grossa, quasi



Ilustração de HERMANO JOSÉ

solene, voz de desconhecido. Por uma coincidência, que nada tem a ver com essa história, nos encontrávamos todas as noites. Então, nunca me passara pela cabeça o motivo que o levava até ali, nem quiz tão pouco compreender a razão que fazia o seu destino ser noturnamente semelhante ao meu. Bastava que ele estivesse ali; assim meio triste.

A princípio tomei os nossos encontros por casualidade, considerando o descaso que eu de início tinha pela sua presença. Na certa ele esperava por alguém. Não devia me interessar. Podia ser até que estivesse apenas vivendo, apurando a vida dos outros, o que é uma maneira inofensiva de viver. Cada um tem a sua vida. Para mim tudo casualidade.

Só depois, depois que comencei a tomá-lo como parte integrante daquela rua, ele aconteceu para mim. Então se tornou indispensável aquele silêncio, imprescindível aquela tranquilidade. Comecei a imaginá-lo tremendamente fantástico. O seu ar de morto, vivo alimentava bem a minha quasi obsessão de fazê-lo fictício. Tornando-se irreal a meus olhos, ele se prestava a fantasia criada pela imaginação. Para mim a sua vida começava todas as noites. Logo que saltava do ônibus ele já estava vivendo e mais parecia sonhar. Achava divertido reparar na sua roupa, se era a mesma da noite anterior, de olhar o seu lugar, se era o mesmo da véspera, aonde ele estivesse parado. Tudo não parecia a mesma coisa. Contudo ele não mudava nunca, ainda que a sua vi-

da para mim tivesse alguma coisa de estranho diferente, cada noite que passava. Em si, devia ser o mesmo que não conhecia o mesmo que eu nunca chegaria completamente a saber como era.

Às vezes me dava a impressão de sofrimento. Aquele abandono era um desperdício de vida. A sua tristeza, vinha mais, daquele despreso que ele tão fortemente aparentava sentir de si mesmo. Como um suicida ressuscitado cada vez mais a se arrepender de estar vivendo outra vez. Devia ser assim... Para mim, tudo casualidade.

Hoje, depois de tanto tempo, é difícil asseverar com perfeita exatidão o que me causavam aqueles momentos. Ele era um arco-íris de impressões, cada dia uma cor diferente, era só escolher. Mas isso durou pouco. Aquilo que eu chamo de fantasia foi perdendo a graça, virou cotidiano, efêmero, incolor. Até que afinal preferi que a miragem do desconhecido se desvanecendo, se realizasse.

Era natural que eu sentisse um interesse curioso por ele. A realidade de sua vida despertou-me verdadeiro entusiasmo, uma ânsia incontida, de conhecê-lo e desvendá-la. Pouco tempo depois recebi uma carta, cujo trecho que interessa a essa história retenho na memória. Talvez por me terem revelado essas poucas linhas a verdade mais positivamente humana sobre a sua vida, seja o motivo suficiente que me faz trazer sempre de cor essa pequena notícia sobre ele — «quando ele morrer é possível que ninguém se incomode com isso, e talvez até não consiga sequer ser esquecido completamente. Não sei porque alguém vive para isso. Ele sofrendo a nossa felicidade, todas as noites, é a lembrança mais sentida que eu guardo sobre aquele nosso desconhecido».

HOMENS, IDEIAS E LIVROS — II

ENSAIOS DE ALVARO DE CARVALHO

GLÁUCIO VEIGA

I

ALVARO DE CARVALHO — Augusto dos Anjos e Outros Ensaio — Departamento de Publicidade — J. Pessoa — 1946 — 271 páginas.

CERTO dia, há três anos tão rapidamente passados, lá no longínquo Guaporé, preparava-me para uma missão militar quando o correio, com normal atraso, depunha-me, nas mãos, o último livro de Alvaro de Carvalho.

Arrastei-o comigo e na companhia do «Direito das Cousas» do velho Lafaiete, nos afundámos na mata. A noite, aninhado na rede, protegido pelo filó do mosquito, alternava o Lafaiete com o Alvaro, esmolando da chama do candeeiro, uma luz projetada com a maior de todas as más vontades.

Se, agora, decorrido tanto tempo, estou falando nele é por que não faço da crítica um atelier de costuras, visivelmente, preocupado na exposição do último modelo.

Um livro de ensaios é como um harem, na velha Turquia: os assuntos se oferecem tão provocantes que nos perturbam na escolha e na visão de conjunto. Principalmente quando estes ensaios tem a chancela de espíritos como Alvaro de Carvalho.

Enquanto, na Paraíba, Alvaro domina todos os assuntos, subindo de elevador, o restante engatinha por escadas em caracol.

Um dos poucos que previu a genialidade de Augusto dos Anjos foi Alvaro. E o que merece maior destaque, como crítico literário foi ter a genialidade de profetizar que o poeta do «EU» ficaria «apenas como expressão de um grande talento e como a documentação somatológica de sua precária vida funcional».

Isto era escrito nos idos de 922. Uma bomba. Augusto dos Anjos estava na ordem do dia. Os tempos

passaram, amortizou-se o poeta e vinte e dois anos depois volta Alvaro a escrever: «Passados 22 anos, quasi a vida de uma geração, volta a lê-lo, como para penitenciar-me da crítica unilateral que escrevi. Lilo, meditei-o..... e, contudo, não me sinto na obrigação de penitenciar-me do que, naquele tempo, afirmei» (pág. 12).

Ocupa-se Alvaro, no segundo ensaio, da monografia do sr. De Castro e Silva (seu colega de Academia) sob o título «Augusto dos Anjos. Poeta da Morte e da Melancolia».

Com a sua inimitável habilidade vai o crítico paraindo, desmontando peça por peça, o mecanismo apologético, engrenado pelo sr. De Castro e Silva, em torno do

poeta. Prova exuberantemente que Augusto foi «marginal». Uma «ilha». Um doente. Um sujeito desses que a gente topa cotidianamente na rua e batiza de «exquisição». E em ser inimitável, personalíssimo está o gênio de Augusto dos Anjos. Leonel Coelho que se candidatou e se elegeu, pelo seu próprio voto, discípulo do atormentado vate, jamais se avizinhou do mestre senão através do grosseiro «pastiche».

Compara Alvaro o poeta chupado, mirrado, cavado pelo cupim da tuberculose, em certos aspectos, a Poe. É uma sugestão para um estudo de pontos de identidade entre o yankee e o nativo. Tanto um, quanto o outro ficaram deslocados — out of space, out of time. Sentira-o o próprio Poe em «Dreamland»:

«By a route obscure and lonely
[lonely
Haunted by ill angels only,
Where an Eidolon, named
[Night,
On a black throne reigns
[Upright,
I have reached these lands
[but newly
From an ultimate dim
[Thule —
From a wild weird clime
[that lieth, sublime,
Out of space — Out of
[Time.]

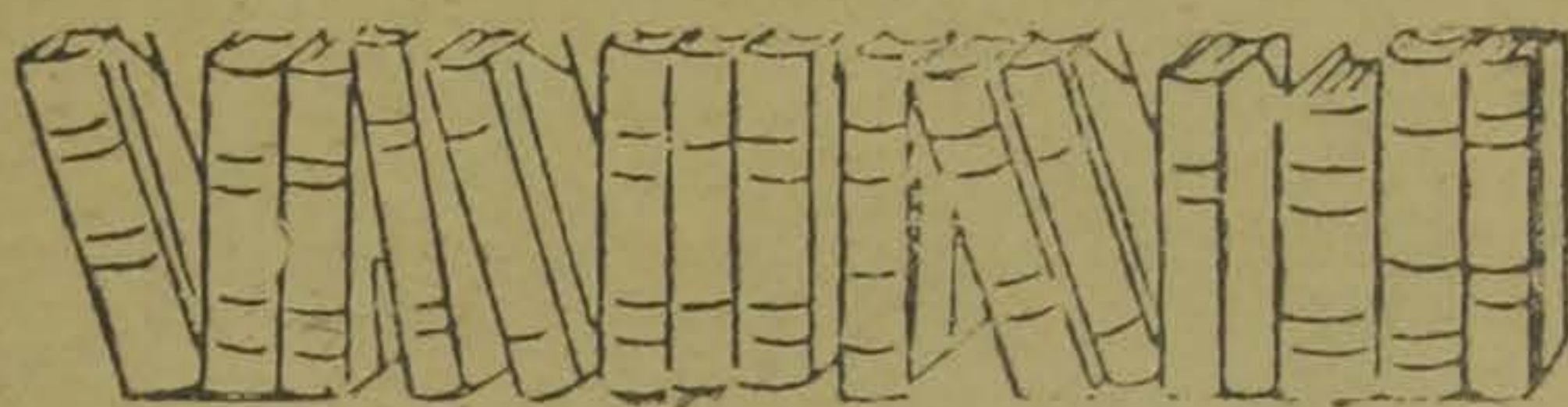
Ambos abrigados à sombra da mesma árvore simbólica:

Hast thou not torn the
[Naiad from her flood,
The Elfin from the green
[grass, and from me
The summer dream be-
[neath the tamarind-tree?

Especial referencia merece o estudo sobre Nietzsche.

Alvaro é um anti-nietzscheano. Confessa à pág. 167: «...o escritor mais antipático que a minha juventude conheceu». Talvez, pressionado pela época (1918) tenha se vincado, a

(Cont. na pág. 10)



EDIÇÕES MELHORAMENTOS

— AS Edições Melhoramentos que ainda recentemente comemoraram com uma série de volumes mais um centenário goethiano, prepararam o livro «EÇA DE QUEIROZ. A Sua Psique», de Marques da Cruz, para solenizar o quinquentenário da morte de Eça.

— Moacyr Werneck de Castro foi o tradutor escolhido pela Melhoramentos para nos dar a versão portuguesa de «MAJOR BÁRBARA» e «HOMEM E SUPERHOMEM» de Bernard Shaw.

— A série indianista da Melhoramentos, que conta com livros de Taunay, Erich Freundt e outros, foi acrescida com o recente lançamento de «ÍNDIOS E SERTANEJOS DO ARAGUAIA», de Haroldo Cândido de Oliveira.

— Albert Schweitzer, famoso filósofo alemão, muito em evidência no momento, tem de suas obras, vertidas para o nosso idioma: «DECADENCIA E REGENERAÇÃO DA CULTURA» e «GOETHE» (Discurso). Ambos são publicados pelas Edições Melhoramentos.

— Através de dois lançamentos das Edições Melhoramentos, «A MELHOR AVENTURA» e «O TESOURO PERIGOSO», o nosso público leitor tomou conhecimento com a obra de Norman Dale, festejado autor inglês de novelas populares.

— Erich Kaestner, é mais um autor de grande público no Velho Continente e que as Edições Melhoramentos divulgam entre nós graças ao seu livro «TRÊS HOMENS NA NEVE».

— «MADAME BOVARY» um dos livros da trilogia máxima de Flaubert foi traduzida por Genésio Pereira Filho, para as Edições Melhoramentos. A mesma editora já lançou «A EDUCAÇÃO SENTIMENTAL» e «SALAMBÔ».

— «OS GOVERNOS DO MUNDO» é o título do oportuno ensaio de Carrie L. George que as Edições Melhoramentos programaram para a sua série de estudos atuais, intitulada «O HOMEM E O UNIVERSO».

Artes Plásticas



TIPO DE NEGRO BRASILEIRO NA PINTURA DE CANDIDO PORTINARI

POR UMA ARTE AUTOCTONE

SANTA ROSA

TOMO emprestado o tema do meu prezado colega Flavio de Aquino para motivo desta nota, tão importante me parece ele, ao tentar fixar certos rumos à nossa pintura, vagando, quase que totalmente, ao sabor de uma disponibilidade de espírito, mais afeita ao que não deveria seguir do que a uma idéia mais po-

sitiva, mais racional, mais justa que a orientasse.

Facultada à intuição para o papel de único e autêntico impulso criador, vem perdendo toda essa juventude que se tem dedicado à pintura, a noção de uma coisa essencial por que tanto se bateu Portinari e de que hoje pouco caso se faz que é o «métier».

Começa-se hoje pela criação direta, sem se aperceber dos elementos essenciais.

Assim, é o começo da conversa que o jovem vai tentar manter entre o seu instinto artístico e o terrível e pânico branco da tela, que o desafia e à riqueza de sua inspiração.

Não tendo ainda o seu

vocabulário preparado, a sua sintaxe plástica em forma, capaz de emitir na linguagem da pintura a suposta grandeza de suas idéias, o seu conhecimento literário do modernismo, coligido em milhares de revistas em branco e preto, aliado ao hábito de ver reproduções de alguns centímetros de quadros de proporção mul-

tas vezes maiores, recorre o jovem à memória, e elegendo, o que lhe parece mais de gosto, tem ele aí o motivo principal, o ponto de partida de sua criação.

O trabalho atual na sua maioria se resume na oposição infeliz: em vez do estudo «d'après nature», faz-se a criação «d'après peintures».

Nos muitos conhecimentos que tenho entre os jovens, sinto que aqueles simpatizantes do modernismo, somente se aperceberam de uma pequena parcela da História da Arte, essa do próprio modernismo.

Sabe-se e discute-se sobre Braque e Picasso, Matisse ou Modigliani, porém, nada descobri em Rafael ou Miguel Angelo, mesmo naqueles mais próximos de nós, Ingres ou Delacroix.

Além de uma deficiência de visão do desenvolvimento geral da Arte, uma precária noção da própria estética de tantas escolas que formam o modernismo. Que poderão dizer do Surrealismo ou do Cubismo, como compreensão do ponto de partida do qual terão de engrenar as próprias idéias? Como especular sobre uma forma da qual não podem, de princípio, compreender-lhe o sentido?

Vem, então, a constatação de que não se podem formar os artistas, à falta de muitas coisas, entre as quais avultam: uma tradição, uma cultura, um meio, uma educação, etc.

É justamente da dedução dessas anomalias que toma vulto e importância o problema suscitado por Flavio de Aquino.

Se não temos uma tradição a qual possamos continuar, uma cultura que nos auxilie a encontrar o valor dos símbolos, se não temos um meio artístico que dê vitalidade à criação artística, uma educação que nos prepare à compreensão dos problemas, devemos mais do que nunca tentar começar tudo isto.

A primeira medida será, sem dúvida, partir da observação do que nos cerca, do que nos deve dizer mais do que o estranho.

O conhecimento normal não tem outro caminho. De não tem outro caminho. De ambiente, verificando-lhe as formas e o seu significado em todas as suas relações.

Qual é hoje o valor e o

poder da arte mexicana? O que significam a arte chinesa, indú, grega ou egípcia? Não existe um espírito francês na obra de um Derain, de um Braque? Por que não podemos tentar fixar uma arte brasileira, caracteristicamente brasileira?

Evidentemente não será apenas o motivo da terra, o que lhe ha de dar esse caráter, porém, o sentimento ligado à forma, a penetração na essência das particularidades que constituem o ambiente brasileiro.

A propósito, quero lembrar as pesquisas que faz em Pernambuco, Lula Cardoso Aires, tentando surpreender nos bonecos de barro das feiras a base para a criação de algo propriamente nacional.

Essa fonte de que se vale Cardoso Aires, não possui tantos filões ricos de sugestão ainda inexplorados?

Qual, enfim, a contribuição que podemos dar à arte universal?

Sem as façanhas do «métier», sem o caldeamento de uma cultura, resta-nos o caracteristicamente nosso.

Outra não é a fonte de inspiração do pintor mais representativo com que o país conta — Portinari. Portinari do Brasil, anunciaram em New York. E todos viram como também em Paris as nossas lavadeiras, os nossos moleques, os nossos morros, os meninos de Brodosque, a pessa seca, os nossos espantalhos sobre os arrozais, os nossos carregadores de café e os seringuei-

ros defumando borracha. Eis uma lição dada pelo mais inquieto dos nossos pintores, sempre às voltas com os problemas de escolas e técnicas.

As escolas existem. Ele as conhece e as estuda, porém reduz toda a bagagem de seus conhecimentos sobre elas ao seu denominador comum, que é a vida brasileira.

Que mais uma vez ele nos sirva de exemplo na honestidade do seu trabalho e torne claro aos nossos colegas jovens, na mesma medida dos artistas mexicanos, que o maior conhecimento, como riqueza de inspiração direta e sadia, está no que nos cerca, no que mais proximamente podemos em verdade conhecer e sentir.

Homens, ideias e livros — II

Ensaaios de Alvaro de Carvalho

(continuação da pág. 8)

fundo, no espírito do autor, uma tese que os melhores e mais autorizados interpretes do catedrático de Basileia não aceitam: o germanismo de Nietzsche.

A influência do filósofo alemão espraia-se epidemicamente como um mal do século. Toda sua obra, vazada num pretensão demonismo espectral, apresenta um estilo grandiloquente e em conceitos cabalísticos, longe de se tornar a Bíblia de Belzebú, minguou-se num carnet de baile onde os mediocres se inscreviam, para na dança da vida se encurvarem na coreografia abstrusa que seus espíritos inapetentes imaginaram.

A mansuetude de um mundo teológico opunha ele o «désarroi» de sua de monologia. E como demólogo, num clima espiritual na ante-vespera da crise, o seu ritmo dominou a todos na loucura de suas extravagâncias e na originalidade dos seus efeitos. Ao som dessa nova trombeta os matóides tomaram de assalto as culminâncias. O tema sugestivo, interessante seria analisar a influência de Nietzsche na nossa educação. Poucos escapa-

ram à sua alucinação; raríssimos, o compreenderam, se é que existe compreensão na eterna incompreensão de Nietzsche.

Li-o pela primeira vez aos quinze anos. Achei-o empolgante. Seis anos depois metodicamente exgotei quase todas as suas obras, ora consultando-o no original, ora no vernáculo, deixando uma sensação de pulção de regresso aos penates na quarta-feira de cinza.

Como Alvaro de Carvalho bem o disse o uebermensch não é o herói de Carlyle, nem o «representative man» de Emerson. É uma abstração que graças a Deus não se tornou realidade. Um aristocrata espiritual que gorou em boa-hora: «Ich lehre euch den Uebermensch. Der Mensch ist etwas,

das ueberwunden werden soll». A isto chamou Pinto Ferreira de super-humanismo. Arremataria, chamando-o de super-humanismo negativo.

Filosoficamente, Nietzsche é um «mal necessário». Hoje, para mim, uma espécie desses reconstituintes que vez por outra lançamos mãos na prateleira do boticário. Uma vitamina concentrada que desenvolva o nosso orgulho, a nossa segurança em nós mesmos. Porque afinal o insulso de Sils-Maria foi a maior glificação do Homem contra o Absoluto.

A PROPOSITO DE RIMBAUD

(Cont. da pág. 3)

vista as diferentes fases da sua obra e particularmente a em que ele escreveu poemas em prosa, de que cita fragmentos mais ou menos do feitiço das «Illuminations», parece indicar que contrariamente à opinião do sr. de Bonillane de Lacoste, a «Saison en Enfer» foi a última contribuição de Rimbaud para a poesia francesa.



FANTASIAS E CONTRADIÇÕES DO TIO GONZAGA

ERNANI SATYRO

O CONHECIMENTO pessoal mais ou menos estreito com um autor não deixa de nos influir no julgamento de sua obra. Não se trata do caso mais comum da amizade ou da inimizade, levando a uma decisão benévola ou a um pronunciamento severo. Nada disso. O caso aqui é precisamente outro, e deve ser entendido em termos rigorosamente literários. Queremos afirmar que o contacto mais demorado com um ficcionista, tira de certo modo essa liberdade, que tem todo leitor, de ir dando a cada personagem a encarnação suscitada por suas impressões próprias, de acordo mesmo com sua própria imaginação e a capacidade romanesca. Sim, porque o leitor ajuda a construir o livro, dá-lhe o acabamento. O romancista vê, descreve, sugere, do ângulo onde está colocado, mas cada leitor vê o drama de um ponto diferente e em hora diversa. E não é necessário recorrer a Einstein para ver como essa diferença de tempo e espaço pode transformar a «realidade» em proporções alarmantes.

No caso de Luis Jardim, essa impressão ainda se torna mais forte, porque se trata de um autor que tem também, e em grande escala, o talento de ator. Isto não é uma descoberta, porque basta conversar com ele, para vê-lo a olhos nus. Ele mesmo o reconhece, numa espécie de sentimento de frustração que não é mais do que uma das contradições do seu temperamento. Se fosse porventura um artista do palco, Luis Jardim lamentaria certamente não ter abraçado a tribuna, por ser sua verdadeira vocação...

«As Confissões do meu Tio Gonzaga», que José Olímpio acaba de lançar, conquistam realmente para seu autor um lugar em nossa literatura. A frase é comum, mas é a própria no caso. Porque o livro é bem escrito e bem construído. Nota-se certamente uma constante preocupação de fazer psicologia, uma atração irreprimida para as

sentenças, e as afirmações. Por mais que o autor se desculpe das divagações (págs. 146 e 149), e confesse fugir

das generalizações (pág. 152) esta de vez em quando generalizando, sentenciando, fazendo frases ou troca-

dilhos. Eis alguns exemplos desses pesados: «... eu imaginava ouvir a minha Dulce me dizer as coisas mais doces, dulcíssimas, tão gratas para ouvir e depois recordar!» (148). «Na sua ausência, eu não dissera nada, mas para um homem da minha natureza não dizer nada é dizer quase tudo» (86). «As duas janelas meio fechadas, como dois olhos meio aberto» (109). Já não quero falar na «tempera que se retempera de novo», nem no «prefeito, perfeito», ou nas «penas, penadas» (108), porque aí é um personagem quem fala, por sinal um bom tipo, o velho Teles, jornalista de aldeia, caturra e sem maiores horizontes.

Feita esta restrição, talvez a mais séria que se possa levantar contra as belas páginas do «Tio Gonzaga», não há como fugir à confissão do extase em que ficamos, após a leitura desse livro diferente, de tanta força poética e intensidade psicológica. Força e intensidade que se fazem sentir precisamente, quando o autor se esquece da aquela preocupação anterior, e não fala mais na «moral de Dulce» (a moral de Dulce era a sua beleza), mas descreve a loucura de Julia, numa das páginas mais belas de nossa ficção. Ou quando pinta aquilo a que chamaríamos o «Idílio da Tempestade», com o primeiro beijo de Dulce, no meio da chuva e do vento, mixto de sobressalto e de prazer, de violência e carinho. Uma página que chegou na hora exata, uma hora construída com arte. A queda de Dulce (queda ou ascensão?) não podia vir antes nem depois. O que porventura faltasse para o amadurecimento daquele amor, para a entrega daquele beijo, que de muito já vinha «pintando», o romancista o arranhou com a fuga de «Cocurufos», o guinésinho poético, que ninguém pode arrancar dos quadros do «Tio Gonzaga», sem deixar uma criminosa deformação.

A NOITE DOS POETAS MORTOS

DULCÍDIO MOREIRA

ESTA é a noite dos poetas mortos
Enfunada de treva e de silencio
 — Noite que leva aos barcos naufragados
O fantasma dos velhos comandantes

Esta é a noite dos poetas mortos
 — Só os velhos poemas são poemas
No silencio e na treva dessas noites

Inutil recompôr velhas estrofes
E olhar nas estrelas indecisas
O olhar dos passados navegantes
 — Rebuscar no seu intimo silencio
O misterio dos rumos desviados

Inutil procurar neste abandono
Os acordes da música perdida,
O marulho das ondas nos costados,
As luzes embaçadas na distancia

Inutil procurar nas cumieiras
O vulto dos fantasmas vagarosos

Só o sangue nas temporas batendo
A despertar-me deste pesadelo
Só o sangue nas temporas batendo
Dentro da noite dos poetas mortos

Só os velhos poemas são poemas
No silencio e na treva dessas noites



Ilustração do autor

As chuvas de Luis Jardim são sempre chuvas tristes. Até mesmo essa do idílio — a chuva de Dulce — não deixa de ser o começo de uma história triste. E qual a coisa alegre desse livro? Não se trata realmente dessa tristeza asfixiante e pesada, capaz de afastar logo da leitura as almas sensíveis. Nem uma tristeza de dramalhão, de desfecho trágico e pressentido, com coração em suspenso, as lágrimas esperando o sinal de partida. Nada disto. É uma tristeza suave, uma tristeza de artista. Um sentimento de inquietação, de insegurança, mais sugerido do que descrito. O próprio fim de Dulce é uma coisa diferente. De Dulce e do fruto de seus amores. Tem-se ainda a esperança de encontrá-la, bela e infeliz, vagando por esse mundo mau de Luiz Gonzaga de Arruda e Silva.

Romance autobiográfico, escrito na primeira pessoa, mas cheio das alterações e das mentiras com que o autor sabe brincar de ator, até na vida real, estas «Confissões» exploram pela primeira vez, em nossa literatura de ficção, pelo menos em termos amplos e conscientes, o dualismo «fantasia e realidade», trágico binômio, em torno do qual se debate a nossa triste condição humana, a saber se realmente é ou não a fantasia que dá realidade às coisas.

Diz Gonzaga, à página 56: «Com efeito, os segredos da imaginação estavam na realidade. E então imaginei Dulce, real, palpante, com a sua beleza tristonha que me enchia de saudades». Adiante, em outros termos, mas sempre com o mesmo pensamento: «Parece — dizia ele — que as coisas concretas e abstratas estão igualmente sujeitas à ação do tempo, e a verificação da verdade que encerram só é possível na consumação dos séculos» (122). Ainda: «Amar profunda, demorada, loucamente, porque a minha natureza foi feita de exageros, de absurdos, só aceitando a realidade quando envolvida em sonhos» (132). Noutra passagem, quase sofrendo as dores desse dualismo, exclama: «As minhas reações aos fatos

estiveram sempre sujeitas a interpretações reais, fantasistas e até alucinadas, que se processavam a bem dizer contra a minha vontade. Ou melhor: de acordo com várias vontades, como se eu fosse muitas criaturas numa só». Finalmente, como se encontrasse um amparo para esse desespero, Gonzaga fala quase pragmaticamente, num capítulo que, por contraste, se intitula «Sombras de Loucura» «Tremi no dia seguinte à visita ao homem infeliz justamente por saber o que teria acontecido se o milagre das minhas interpretações fantasistas, reais e alucinadas não me obrigasse a agarrar à ideia que mais me convinha» (pag. 158). Mas seria esta a razão verdadeira de não ter praticado o

crime premeditado, o assassinio do marido de Dulce? Não, e Gonzaga mesmo o explica: «Tremi, gelei, e agora, sei, fiel às minhas próprias contradições, que muitas foram as causas por que não matei o homem» (159).

Toda a história de Gonzaga é uma teia de desencontros, contradições, «despersonalizações bruscas», atos aparentemente sem sentido, se esquecermos que a unidade se compõe das diversidades. E nisto consiste uma de suas grandezas. Grandeza que se pode notar também nas omissões. A ação do romance desenrola-se toda numa cidade do interior, «cidade serrana», que os coestaduanos de Luis Jardim poderão identificar com facilidade. Mas,

que ausência dos lugares comuns das pequenas cidades! O traço de Gonzaga é rápido. Base que se vê o cenário moral, o «clima», o cheiro da pequena cidade. As próprias tricas locais se descrevem com uma leveza e uma sociedade d'ela de um escritor, que é também um exímio desenhista. Mais escritor, porém, do que desenhista. Poderia falar de outros personagens desse belo romance. Das pernas da dona Maria Augusta. Sim, porque o personagem aí não é ela, são suas pernas, traçadas num maravilhoso instantâneo; numa dessas passagens rápidas, quase elétricas — um presente do escritor, em papel especial, não para os bibliófilos ou para amigos, mas uma joia para os mais ativos, os que tenham um bom par de olhos rápidos para ver.

Desejariamos ir mais longe, reproduzindo para os leitores alguns tópicos dos mais expressivos de Luis Jardim, da sua maneira de narrar e descrever. O espaço não chega para tanto. Voltaremos, porém. Um romance como este não pode ser apreciado assim, num só artigo, por mais longo que ele seja. Exige uma parada, para tomar fôlego. É provável que outros leitores tenham impressões diferentes, sintam coisas que não consegui sentir. Já Somerset Maugham advertiu que uma das coisas que caracterizam um grande escritor é que diferentes espíritos encontram nele diferentes inspirações. Mas vamos além. Um grande escritor desperta inspirações diferentes, não só em pessoas diversas, mas na mesma pessoa. Impressões contraditórias, «reais e fantasistas», tudo como na vida e nas páginas cheias de vida deste «Tio Gonzaga».

Pode ser que a «realidade» do romance seja bem outra. Que estas notas retratem apenas a imaginação de um leitor, influenciado pelas fantasias de Tio Gonzaga, que fica sendo, de agora em diante, uma espécie de tio de nós todos, homens tão cheios de fantasias e contradições.

Pode ser. Mas até lá convenhamos em que na vida, aqui fora dos livros, existe muita coisa semelhante.

A Consciência Lírica de Deolindo Tavares

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 6)

dível, autônomas e puras, estão contudo ligados à ele por uma simpatia fortemente humana de sua arte, por uma muito íntima capacidade de sugestão e compreensão para as realidades dolorosas de nosso tempo. É que o poeta prematuramente morto já legara uma herança lírica que não fica-

ria esquecida na sua gavêta «onde estavam trancados poemas imortais», mas continuaria indefinidamente diluída e inapagável nas mensagens destes seus autênticos irmãos espirituais. E somente assim estaria cumprida a sua missão e a sua existência plenamente justificada.

As sementes já lancei à terra, ao mar e ao céu, e quando flôres cobrirem a terra, o mar e o céu eu poderei morrer mais uma vez».

Foi assim um destino faustico o dele. Procurou sempre no amor e na beleza os motivos mais fortes de sua vida e de sua arte. E somente encontrou no seu caminho a angústia e o desespero. Somente indiferença e incompreensão nesta «planície desolada e estéril» que lhes sufocava os sonhos todos e as aspirações de pureza. Mas dessa luta haveria de nascer a mais bela mensagem de uma época cheia de inquietações e incertezas, a mais humana e a mais luminosa de todas pela sinceridade, mas também pela sua irrecusável força criadora. Pela ex-

pressão e pelo sentido profundamente universal de sua consciência lírica. Dessa mesma consciência lírica, misteriosa e inatingível, que se encontra em todo verdadeiro poeta, seja ele um Novalis, um Rilke ou um Rimbaud. Porque, na verdade, mais do que sentir a poesia, Deolindo Tavares soube, acima de tudo, genialmente comunicá-la. E esta foi, sem dúvida, a lição maior de sua efêmera vida: advertir aos homens da missão transcendente que lhes compete neste mundo, restaurando nêles uma certeza e uma fé profundas nos destinos eternos da poesia.

(Junho de 1950)

SONHO E REALIDADE

Novela de ROSIRIS NOVAIS MEIRA DE MENEZES

II

Magnolia completou suas 15 primaveras. Como o tempo passa depressa!

A natureza fôra pródiga com aquela mocinha que não teve tempo de brincar, de ser criança. Desde a mais tenra idade habituara-se à luta árdua pela existência. Seu rostinho expressivo tinha o encanto de uma bela manhã; não havia marcas de aborrecimento ou amargura.

A mocidade emprestava-lhe vivacidade de movimentos; em seus olhos brilhava uma luz intensa; os lábios rosados eram bem apetecíveis. A malícia ainda não havia circundado o soberbo edifício de sua candura.

Magnolia era uma bela promessa! Concluiu o curso ginasial com excelentes aprovações. Querida pelos professores, contava igualmente com a simpatia das colegas. Era una, e seus modos simples a todos conquistavam.

E conquistaria, no futuro, seu ideal?... quanto desejava ser médica! Cuidar dos enfermos, aliviar-lhes as dores, despertar-lhes as esperanças e sobretudo, ter dinheiro bastante para dar conforto à sua mãe!...

Viu-se, forçada pelas circunstâncias, a procurar emprego. Encontrou muitas dificuldades. Mas soube vencê-las; trabalhava em um escritório, mente humna da arte: a de O ordenado era pequeno, mas ela precisava dele assim mesmo.

Como fazer? Abandonar os estudos? Não; podia continuá-los à noite. Assim, ela fez durante os dias trabalhava, à noite estudava.

Era impossível viver sempre debruçada sobre livros. E no fadinho, cansa! D. Alice facilitara os poucos divertimentos de sua filha. Uma de suas colegas de estudos organizou, em sua residência, um time de "volley". Magnolia, tendo sido

convidada accedeu. Por isso, aos domingos e feriados, pela manhã, ia jogar; à noite, assistia um filme com sua mãe, invariavelmente.

Seu programa de vida era simples, como o era ela própria.

No escritório, cumpria seus deveres com retidão. Ganhava a estima das outras moças que lá trabalhavam, a confiança do patrão, a admiração dos colegas.

Só um certo cuio a detestava. Nesta antipatia, havia muito de inveja, que aliás é um

modo paradoxal de elogiar os fortes. O invejoso, não tendo coragem para trilhar o caminho áspero da verdade, percorre o outro coberto por falsos tapetes, e cospe com desprezo nos seixos cortantes, que cobrem a estrada segura que vai desembocar em um reino encantado, onde só penetram os eleitos.

Ele, Paulo, procurava disseminar antipatia pela jovem, mas seus esforços eram nulos. Em consequência, seus sentimentos ficavam cada vez mais envenenados e ele, qual anjo

da desgraça, pôs-se de tocaia, examinando, espionando todos os gestos da mocinha, para na ocasião oportuna, estragar-lhe a vida, roubando-lhe a alegria que tanto o incomodava. Sua alma tinha uma camada de lodo, que sufocava a voz do rouxinol.

Edgar, um dos seus companheiros de trabalho cercava-a de atenções. Magnolia as interpretava como mera camaradagem; até que, ficando, ambos retidos por mais tempo no serviço, ele aproveitou-se do ensejo, e segurando a mão pela cintura, beijou-a na bochecha.

O gesto fôra imprevisto. Ela não pôde resistir-lhe. Sentiu seu contacto, surpresa... Cessada a primeira sensação veio o nojo, a repugnância...

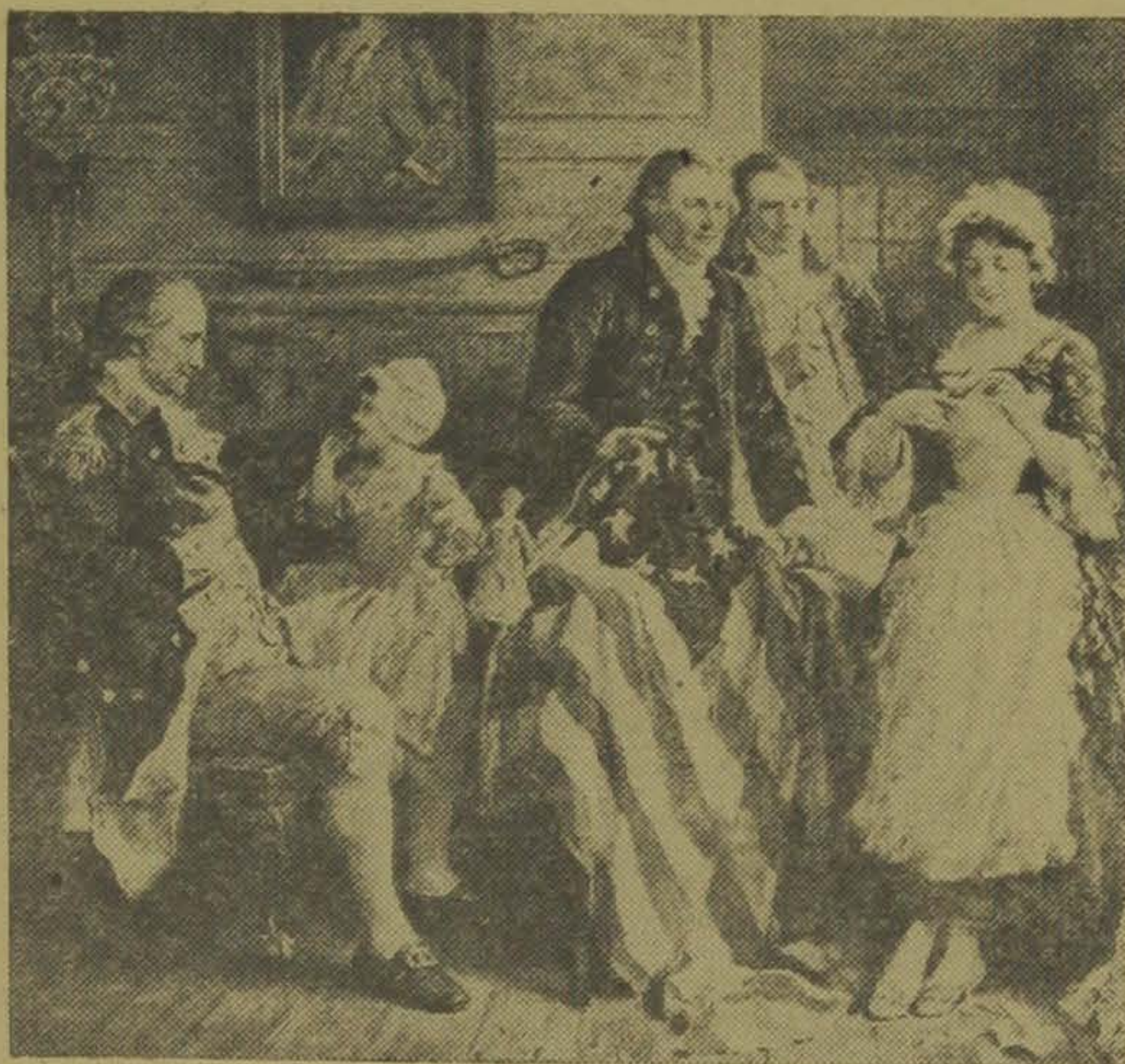
— "E" isto o amor?... Oh!..."

Sem esperar resposta à pergunta, que formulara a si própria, cuspiu-lhe na cara e saiu a correr. Deixou a porta aberta. Abandonou tudo, como se na fuga encontrasse salvação. Parecia-lhe que seu corpo, apesar da carreira continuava preso àquele abraço odioso.

— Isto não se repetirá. Sabia que estávamos sós e aproveitou-se, da situação, para me beijar.

Magnolia, na rua, andava depressa. Queria ir logo para casa. Não distinguia nada, nem sentia o vento executar uma dança louca em sua cabeleira. E levantar a saia rodada. Ela apertava mais o passo.

Confrangia-a a sensação da afronta recebida. O fato em si não encontrou eco no ânimo destemido naquela mocinha sensata e boa. Pensava no horror que experimentara naquela ocasião, como se quizesse inocular-se para o futuro, contra novos perigos. Agora supunha conhecer mais o mundo, este mundo que se mostrava tão diverso daquele que idealizara, no



4 de julho é o Dia da Independência dos Estados Unidos.

A primeira bandeira nacional constava de 13 listas vermelhas e brancas alternadas, e 13 estrelas, que representavam os 13 estados originais da União, em campo azul. O contrato para confeccionar a primeira bandeira foi concedido a Betsy Ross (Snra. Elizabeth Griscon), de Philadelphia, e especialista em confecção de bandeiras e em acolchoados. Diz a história que foi a Snra. Ross quem sugeriu o uso das estrelas de cinco pontas e a disposição das mesmas. Hoje, a bandeira tem 48 estrelas, uma para cada um dos Estados Unidos.

A foto, reprodução de uma tela de Thomas Moran, pintor de cenas históricas dos Estados Unidos, apresenta Betsy Ross em sua casa, em Philadelphia, mostrando a primeira bandeira dos Estados Unidos a George Washington (sentado, à esquerda), Robert Morris, e George Ross, membros da comissão do Congresso Continental.

silêncio profundo de seu quarto branco.

— É isto, ao desengano, que chamam experiência da vida?

E seus olhos negros miravam um ponto invisível, enquanto em seu cérebro chocavam-se os mais paradoxais pensamentos.

Edgar não a amava. Nem ela tão pouco o elegera como seu príncipe encantado. Não nutriam simpatia recíproca, prenúncio de amor. Apenas ele era homem e a achava bonita.

Magnólia sentia-se abatida e dolorosamente culpada. Que culpa tinha ela, no entanto? Nenhuma.

Chegou em casa; olhou-a. A fachada era a mesma; as mesmas flores, nos canteiros pequenos; o sol já se escondera, estava tudo escuro, triste. Nada mudara, aparentemente. Nem a própria jovem, que para alguém desavisado continuava como dantes. Sómente ela percebia a transformação que se processara em si, na sua maneira de encarar as pessoas e os fatos.

Era como se uma saletinha cuidada com carinho por sua doria, recebesse a visita inesperada de vândalos. Como o ambiente ficaria alterado! Pedacos de madeira, de veludo, fiapos de cortinas, estatuetas mutiladas, tudo misturado pelo chão.

A proprietária constatava com horror, a desordem reinante, o caos, onde antes só existia harmonia e beleza.

Fôra-se o trabalho de muitos anos, mas, não a esperança da restauração. Era necessário reparar os danos. Este reparo exigia novos trabalhos, novas esperanças, outras ilusões.

Magnólia não sabia como confessar a sua mãe. Estava indecisa sem coragem, resolveu adiar um pouco mais.

— Agora, não; mais tarde!

Jantou; sentou-se, em seguida, junto a D. Alice e contou-lhe de um jato, o que se passara entre ela e Edgar.

D. Alice ficou ouvindo as palavras da filha. Em sua fronte, formou-se uma ruga profunda, sinal evidente de preocupação. E lançando-lhe um olhar cheio de pesar pensava: Como

é linda! Meu Deus, preservai-a da lama.

— Magnólia, você fez bem desabafar comigo. Você é jovem, até aqui só fez estudar; e os compêndios não falam das misérias humanas. Fique certa: se você se tornar uma moça fácil, ao alcance de todas as mãos, ficará perdida... Se reagiu foi talvez porque não gostava dele... A carne é fraca, não fale! Você é muito

criança ainda, e tem um belo físico...

Sua vida futura, suas aspirações dependem, exclusivamente, de seu orgulho, de seu domínio. Reze e não afaste seu coração de Deus. E sobretudo, nunca desespere, porque mesmo em um "coração varrido pelo vento glacial da desgraça" há um desejo insopitável de poder bradar "Ego ressuscitabo".

A moça bebia as palavras que

sua mãe pronunciava. Sentiu-se outra vez, forte e independente, mas o beijo era uma mancha negra à sua fronte.

— Minha filha, vamos, não fique triste. Esqueça...

— Não posso, mamãe.

— Então, Magnólia tire do fato algo de aproveitável para sua vida futura. São 8 horas. Ainda é cedo. Vá ao colégio. Segurou seu queixo, beijou-a na testa. Magnólia sorria. Como sua mãe era boa!

Foi para o colégio. Escrava mais tranquila... Já não havia o desespero de início. A mágoa fôra mesmo grande e seu estado de espírito refletia-se no semblante. Os lábios até tão pouco tempo alegres, tinham agora uma expressão de desdém. E foi assim, desdenhosa e altiva, que iniciou uma nova etapa de sua vida.

«SANTIAGO»

ACABA de sair o número de junho de «Santiago», revista de informação espanhola, que se publica no Rio de Janeiro sob a direção de Carlos Gonçalves Fidalgo.

«Santiago», apresenta, como em os números anteriores, selecionada matéria e ótima feição gráfica.

ANATOLE FRANCE

(Cont. da última pág.)

totalmente a não significar coisa alguma para o mundo».

«Os últimos dez anos, conclui Romain, certamente não trabalharam para dar ao mundo um aspecto mais franciano, mais conforme à imagem nobre e sorridente que ele teria gostado de ter da vida e da humanidade. Entretanto, o decênio decorrido não desmontou nem desconsertou a soberbia de France. E muitos daqueles que, no começo deste século, sofriam com as suas zombarias, suas aparentes levandades e certas impertinências, e por isso o tinham como inimigo, hoje concederão de bom grado que os supremos valores de civilização que defendem são os mesmos porque France sempre se bateu».

Exposições de Livros na Grã-Bretanha

VARIAS Exposições de livros farão parte integrante no Festival da Grã-Bretanha de 1951. Na Exposição da Margem Meridional, em Londres, por exemplo, os livros serão usados para mostrar a contribuição do Reino Unido ao desenvolvimento das ciências, artes e recreação por meio da palavra impressa. Os livros escolhidos serão dois tipos: livros antigos, considerados marcos na história do assunto de que tratam e livros modernos com as últimas contribuições britânicas ao assunto. Haverá igualmente apresentação de livros como exemplos de fino desenho e belo trabalho de artesão.

Muitas autoridades locais, também, estão planejando exposições de livros e manuscritos relativos à história e seus distritos. Em Winchester, no sul da Inglaterra, por exemplo, as autoridades do Conselho Local e da Catedral estão organizando uma apresentação de manuscritos e discos, entre os quais se encontram a Bíblia Winchester e a série histórica «City Charters» (Winchester foi antiga capital da Grã-Bretanha). Lincoln, Rochester, Hereford e Lichfield são outras cidades inglesas que estão organizando exposições de livros para o Festival do próximo ano.

Scarborough, em Yorkshire, fará uma exposição de literatura relativa a aeronáutica, que fará parte das comemorações em homenagem a Sir George Cayley, o «pai da aeronáutica», que nasceu ali. Serão expostos seus manuscritos e ilustrações originais de seus trabalhos.

A Liga Nacional do Livro da Grã-Bretanha fará uma exposição no Museu «Victoria and Albert», de Londres, de maio a setembro de 1951. Não se limitará a obras de valor puramente literário; cada exemplar será escolhido pela excelência do desenho e da produção. Realizar-se-ão em Londres outras exposições de livros, inclusive uma da «Hansard Society», de discos, manuscritos e literatura ilustrativa da história do Parlamento Britânico.

A Escócia, o País de Gales e a Irlanda do Norte também terão suas exposições de livros. A Escócia terá duas: em Edimburgo haverá uma exposição histórica, consistindo principalmente de livros do século 18; e em Glasgow, uma exposição de livros escoceses modernos. Uma das duas exposições que serão realizadas pela «National Library» do País de Gales, em Aberystwyth, contará a história do País de Gales e de sua literatura por meio de manuscritos, gravuras e livros tirados da coleção da Biblioteca; a outra, pelos mesmos meios, relatará a história da agricultura galesa. A arqueologia, mitologia, a ciência, a ficção e o teatro, serão alguns dos assuntos representados na Exposição de Livro de Ulster, que provavelmente se realizará em Stranmillis, na Irlanda do Norte.

VARIAS

«MAJOR BARBARA»

«ALFEU E ARETUSA»

EM magnífica edição ilustrada da Livraria Martins Editora, de São Paulo, acaba de aparecer o livro «ALFEU E ARETUSA» (As apaixonadas de Goethe), de autoria da escritora Maria de Lourdes Teixeira. O título, extraído da simbologia clássico-romântica, bem pode nos dar uma ideia do importante estudo sobre os grandes amores do imortal poeta alemão.

«FRUTOS DA TERRA»

DE autoria de Osvaldo Soares, numa edição «Ateca» (Associação Teresinaense de Estudos Cultura e Arte), de Teresina, no Piauí, recebemos «FRUTOS DA TERRA» (notas de um caderno do viandante G. A. Bocklminink).

A Plaquete em apreço é a segunda de uma série de publicações daquela agremiação cultural. Materialmente bem feita e de leitura recomendável.

«APONTAMENTOS DA RUA 15 DE NOVEMBRO»

EM edição da revista «Zero» (inédita), os escritores Antonio Pinto de Medeiros e Lenine Pinto, publicaram, com ilustrações de José Aurino, Di Navarro e M. C., os «Apontamentos da Rua 15 de Novembro», numa singular apresentação gráfica.

Os autores, por demais conhecidos nos meios intelectuais nordestinos, dispensam apresentação.

«HOMENS DO NORDESTE E OUTROS ENSAIOS»

COM o título acima, o escritor conterrâneo Luiz Pinto acaba de dar à publi-

TEM-SE como ponto incontrovertido na história da ascensão à glória de Shaw, que uma de suas chaves mestras foi a habilidade com que ele soube sempre manter-se como tema discutido.

De toda a sua obra, pontilhada de sarcasmo, de insinuações, de «pontadas» que conduzem os leitores de todas as classes a deduções e ilações mais correspondentes a seus apetites literários, nenhum teve melhor destino do que «MAJOR BARBARA».

Publicada em 1905, ainda hoje essa peça tem o dom de suscitar controvérsias generalizadas, cujo efeito maior e permanente é aquele de manter vivo o interesse de críticos e do público em torno da jocosa história da aristocrata democratizada.

Tais críticas tiveram também um dom precioso: provocar no impassível teatrólogo um desabafo. Um dos seus raros protestos contra a arbitrariedade da crítica apressada que vê influências e liames, em cada uma de suas linhas, de outros gênios que o precederam! É o próprio Shaw quem redige um bem humorado protesto no prefácio desta edição de que a Melhoramentos nos dá a versão brasileira. E-lo: «... me fazem derivar de um autor norueguês de cuja língua não sei três palavras, e do qual nada conheci, até anos depois de já estar a Anschauung shawiana inequivocamente expressa em livros cheios daquilo que viria ser, dez anos mais tarde, perfunctoriamente rotulado de ibsenismo».

Moacir Werneck de Castro traduziu a obra de que a Melhoramentos nos oferece agora uma bem cuidada edição. De resto é oportuno frisar que aquela editora, já lançou do mesmo autor «César e Cleópatra» e prepara-se para publicar «Casa de Orates», «Homem e Super-Homem» e «O Homem e as Armas», com o que poderá contar em pouco o público brasileiro com uma quase completa bibliografia de Bernard Shaw.

cidade mais um livro de sua autoria.

Trata-se de um trabalho consciencioso, bem fundamentado, e que prestará forte contribuição à literatura do país.

Luiz Pinto, que reside há vários anos, no Rio de Janeiro, é um estudioso dos assuntos sociológicos e históricos.

Sua bagagem literária, já bastante rica, tem suscitado os mais elogiosos comentários da crítica nacional.

Em HOMENS DO NORDESTE, editado pela MINERVA, Luiz Pinto estuda várias figuras do passado histórico através de um estilo claro e sóbrio.

«BANDO»

RECEBEMOS o n. 16,

referente a abril, da revista «Bando», editada em Natal, no Rio Grande do Norte.

Dirigida por um grupo de jovens intelectuais do vizinho Estado do norte, «Bando» é uma publicação que vem se impondo a admiração de todos, dada a pontualidade das suas edições.

No número em apreço, «Bando» apresenta trabalhos de Luis da Camara Cascudo, Nestor Lima, Solon Andrade, M. Rodrigues de Melo, Rubens Massuê, R. Donato, etc.

Dirigem a aludida publicação, os escritores Raimundo Donato, M. Rodrigues de Melo, João Alves de Melo, Luiz Patriota, Veríssimo de Melo e Helio Galvão.

«AFLUENTE»

TEMOS em mãos o n. 3 de «Afluente», revista de cultura da cidade de São Luiz do Maranhão, dirigida pelos poetas Lago Burnett e Ferreira Gullar.

A referida publicação, segundo uma nota redaccional, é a continuação do jornal literário «Letras da Província» que ali obedecia a orientação daqueles intelectuais.

O número em apreço traz boa colaboração e insere um bom noticiário bibliográfico.

«CRONOS»

ACABAMOS de receber o 6º número da revista «Cronos», publicação bimestral de cultura que se edita na capital do país. A partir do próximo número, «Cronos» tomará novo aspecto gráfico, duplicará o formato e as páginas e terá redatores especializados para as suas seções.

«REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO DE GOIANA»

COM a finalidade de divulgar documentos inéditos e as atas de todas as sessões realizadas desde a sua restauração em maio de 1947 até abril de 1948, o Instituto Histórico de Goiana, acaba de publicar o tomo I, série segunda da sua revista.

Promovendo esta publicação, o prefeito goianense torna possível, assim, a todos quantos se interessam pela história de Pernambuco, um melhor conhecimento da histórica cidade de Goiana.

O volume tem feição material recomendável.



Anatole France

CYRO DOS ANJOS

III

LEIO, no mensário PARU, a síntese de inquérito realizado por «La Gazette des Lettres», com o fim de conhecer a opinião de hoje acerca de escritores que desapareceram no primeiro quartel deste século, se acham ainda no Purgatório literário. Na parte relativa a Anatole, as conclusões foram discordantes.

Entre os veteranos das letras, verificou-se que, no geral, eram de simpatia, embora não de entusiasmo, os sentimentos para com o autor da HISTOIRE CONTEMPORAINE.

No meio dos novos, se houve um que dele falou com certo calor de amizade (Gaétan Picon), os mais se mostraram restritivos ou reticenciosos, quando não investiram desabusadamente contra a ilustre sombra. (Claude-Edmonde Magny).

Assim, René Fallet declara não lhe conhecer a obra, enquanto Claude Roy a considera uma «ourivesaria falsa», só abrindo exceção para os livros consagrados à infância, que lhe parecem encantadores.

Armond Hoog afirma que «M. Bergeret est mort», embora estime que o espírito franciano possa perdurar. Jean Louis Curtis mostra-se menos avaro em louvores: «France voltará a ocupar o seu verdadeiro lugar, que é o de maravilhoso contista».

E Thierry Maulnier destila sobre ele o seu veneno: «France é admirável naquilo a que Valéry chamou «transparência em que nada detém o olhar, nem mesmo o pensamento» (Conforme se verá depois, Valéry não proferiu semelhante frase em relação ao criador de M. Bergeret; e de seu famoso discurso na Academia, feitas as contas, resultou grande saldo em benefício da glória de Anatole).

Mas, coube, porventura, à escritora Claude-Edmonde Magny, pontificar da nova crítica francesa, articular o libelo dos escritores jovens contra aquele que fascinou tantos espíritos no começo deste século. Até que ponto representaria ela o pensamento de seus contemporâneos? Eis o que seria importante averiguar, para se conhecer o juízo de nosso tempo, acerca do malicioso espírito que se escondia sob a pele do abade Coignard. Juízo que, favorável ou não, havia de ser acolhido com ceticismo pelo mestre da indulgência e da dúvida.

Vamos, porém, ao que diz a senhora Claude-Edmonde

Magny. Acredita ela que, segundo todas as probabilidades, o Purgatório se transformará, para France, em definitivo inferno. A série da HISTOIRE CONTEMPORAINE não será de leitura particularmente penosa, enfadonha ou difícil. Todavia, não pode deixar de considerar como perdido o tempo que lhe dedicou. Julga desnecessário insistir sobre a pobreza de psicologia, a falta de interesse romanesco e a insipidez do estilo de France. A seu ver, só com dificuldade se poderia encontrar leitura menos nutritiva para a alma, e mais empobrecedora e debilitante, que a des-

ses livros, insígnies, como os de Barrès, pela incoerência complacente do pensamento e pela absoluta secura espiritual.

«Não encaro, aqui, o lado caduco ou peremptório dessas obras, ou a circunstância de não oferecerem resposta a nenhuma das questões que a nossa época propunha: acredito que, na ocasião em que apareceram, já se achavam amontoadas de toda realidade histórica e de toda espiritualidade viva. Parece-me, finalmente, que reentram nesse nada de que é pena, hajam saído algum dia — remata a jovem es- critora.

Jules Romains sustenta precisamente o contrário. Convida-nos a ler «Les Deux ont soif» e a considerar a atualidade de France.

«Esta obra, escrita antes de 1911 — diz ele — isto é, antes destes quarenta anos de experiência amarga que tanto aos têm ensinado, mas poucas verdades agradáveis têm trazido, é plena de atualidade. Tudo se passa como se France houvesse pressentido as coisas de hoje e as tivesse vivido antecipadamente. A sabedoria de seu livro parece ter tido em conta os furores, as vilanias, as provas de imbecilidade humana de que iríamos, não mais ter a noção abstrata, mas conhecer o horrendo contacto. A sabedoria franciana conseguiu ultrapassar essas misérias e elevar-se a um sentimento de contemplação em que a piedade absorve a cólera e se aprende a desprezar o homem com ternura».

E, prosseguindo, conta-nos que, às vésperas da última guerra, quando os amigos de France ultimavam providências para lhe erguer um monumento, houve quem dissesse: «Vocês devem agir depressa. Não esperem que France chegue

PINTURA PARAIBANA



VIUVA — Desenho de Hermano José

(Cont. na pág. 14)